



ENTRE A ARTE E A CIÊNCIA

Maira Monteiro Fróes
Prof. Inst. de Ciências Biomédicas da UFRJ

<http://anatomiadaspaixoes.blogspot.com/>

<http://caminhodosom.blogspot.com/>



Se toda uma vida é por vezes pouco para nos fazer cientes da ciência, um único instante pode valer-nos cientes da arte. Talvez porque na arte nossos complexos caminhos lógicos podem esconder-se numa confortável continuidade estética que se basta em si mesma. Na arte nos deparamos freqüentemente com ficções que nos reapresentam às nossas verdades por diferentes prismas, novos e inspiradores protótipos de nosso árido mundo objetivo científico. Mais que isso, no entanto, em seu fio criativo o artista descerra seus próprios mistérios, e ao fazê-lo sobe, não raras vezes, o véu que encobre as respostas, ou seus caminhos, em ciência. São os estados d'alma nas mais das vezes, que inspiram o artista, vivências que beiram o indizível, profundas, onde um todo corporifica-se indiferente a escalas, cálculos, e paradigmas lógicos, para exteriorizar suas verdades. O cientista, em contraponto, de fora e das partes, aplica o método (Descartes R. 1637 *Discurso sobre o Método.*) sobre o qual todas as nossas verdades se assentam e nossas mentiras, revelam-se.

Ainda no século XIX o recém-nascido universo da tecnologia traria, em seu primeiro movimento, um forte realce do pragmatismo. A alma é substituída pela ciência e a religião

pela evolução. Em conseqüência, o desencanto natural e inevitável com o ainda remanescente 'romance' no saber, reforçando a ruptura razão/emoção já previamente alicerçada por Descartes, traduzida em afastamento das escolas artística e científica. Para o artista, a realidade implacável, o mistério revelado, arremessam-no à ruptura com o realismo, pressionando-o à re-significação e ao abstracionismo. O artista não mais dispõe de uma alma ingênua imanente à realidade, mas é forçado a inventá-la para vestir a realidade. Em outras palavras, a alma, fonte da razão e da ciência (René Descartes) torna-se consciência, côncio que se torna o artista da evanescência dos artifícios de sua relação com o mundo. E seu grande desafio passa a ser o rito de transformação que vivencia; outrora investigador do estado d'alma, passa a seu inventor. E nasce a arte experimental, e vemos no artista surgir o experimentador e seus níveis de elaboração lógica. Porque ao explorar a sua própria experiência, a sua consciência, diante de um objeto qualquer de ciência, o artista pode perscrutar, muitas vezes, o que a ciência de sua época, alicerçada pelo rigor do método, não pode revelar.

Com a explosão tecnológica, a ciência avançou num imediato trânsito reducionista, em propulsão inédita até então. De lá para cá, saltamos da alma à psiquê, da psiquê à mente, da mente ao cérebro, do cérebro aos circuitos, destes à eletroquímica e à genética molecular. Paradoxalmente, temos uma enorme dificuldade de encontrar o caminho de volta e definir cientificamente a natureza da maior vivência humana, argamassa de toda ciência, de toda arte e de toda filosofia, a consciência. Talvez devamos esta dificuldade ao caráter autoscópico, necessariamente, mas raramente consciente, um self-mirroring que bem denuncia a organização autopoietica da consciência, proposta há 20 anos por Humberto Maturana e Francisco Varela (Maturana HR e Varela FJ. *The tree of knowledge*. New Science Library, Boston, 1987). É a qualidade autoscópica da tomada de consciência da própria consciência, que nos força a abandonar o conforto de uma análise serial, de causas e efeitos localizados, individualizáveis e não superponíveis, para nos jogar em armadilhas circulares de difícil abordagem pelo método científico, onde causa e efeito se confundem nos mesmos objetos.

Dado o caráter não subjetivo, alicerçado em um único nível lógico, as verdades científicas, na forma de obras de ciência, já "nascem" para perecer, sólida- e paradoxalmente vulneráveis à refutação, subsistindo, no entanto, as assinaturas dos grandes mestres e seu rastro documental, plataforma para novas propostas que alimentarão o curso histórico da ciência. Por outro lado, o caráter insubstituível, imperecível e, portanto, atemporal da obra

Froes, Maira Monteiro
Entre a Arte e a Ciência.

artística assenta-se no homem, não somente enquanto definidor da instância intelectual à qual classificamos conhecimento; sobretudo, este homem constitui-se no corpo de referência da carga experiencial subjetiva que transita por dimensões conscientes privadas, e, por conseguinte, únicas. Tão indelevelmente quanto transparece o seu caráter subjetivo, a obra artística transversaliza o sujeito observador, revolvendo-lhe e interpondo-se em seu trânsito estético-afetivo. A consequência é que a obra artística detém, potencialmente, chaves "universais" para vivências exploráveis não somente pelo sujeito em busca de si mesmo, como também pelo cientista, na identificação de verdades acerca da condição do homem em si mesmo e em seu mundo.

Como entendê-la, a consciência individual, à luz de nossos campos de conhecimento, na invenção e na expressão de nossos saberes?

Nossos circuitos eletroquímicos, seu funcionamento integrado são, por definição, blindados à consciência. Portanto, a consciência humana permanece como experiência irreduzível, seus estados não equivalem à associação de blocos por relações de congruência imediatas, visíveis, mas a estados d'alma, onde a compartimentação dá lugar ao todo. O reducionismo da ciência não descreve a consciência, ainda que ocupe um lugar único no organograma lógico que endossa e esboça o pensamento. No entanto, é nesta aparente intangibilidade, na infabilidade do trânsito consciente que sistematizamos nossos muitos mundos vivenciais sob a forma de conhecimento. Esta é a razão pela qual, argumento, a visão da arte poderia fazer a diferença em ciência. A imersão artística demanda e se utiliza de outras formas de lógica, de elaborações que emergem do exercício intelectual, sensível e autoscópico da arte. Exteriorizando suas incursões subjetivas, os artistas transpõem metaforicamente, para o concreto, a imaterialidade utópica, a deslocalização da consciência, por um lado, e seu poder de significação, por outro. Desafiam os mapas materiais de que dispomos à luz da ciência reducionista na expectativa de desvendar nossos grandes enigmas em ciência. E provocam o seu entendimento através da inteligência multimodal, manifesta e plena, alcançável em níveis lógicos mais elaborados e mais sutis, talvez escondidos na forma de experiências estético-emocionais e ético-afetivas humanas.

Possa o cientista, portanto, saber através do saber, intuir através da arte e provar através da ciência, como já o faz o artista ao intuir preditivamente a ciência que fertiliza sua inquietação criativa. Esteja entre a arte e a ciência, sempre, um homem descoberto. E inteiro.